

quando a desesperação passou, eu medi a profundidade do mal.

Eu conhecia Cecilia profundamente para saber que então a vida lhe seria mais insupportavel que a morte—e que a deshonra a mataria lenta e dolorosamente.

“Eu devia pois assassinal-a para encurtar o praso de suas torturas,—eu devia perdê-la para sempre—matal-a com o meu punhal,—que essa era a maior dôr que eu podia seismar—a unica penitencia capaz de reair minha alma de atheo.

“Embuti-me na maldade,—mascarei-me com a hypocrisia,—carreguei-a de ferros,—declarei-lhe que hia arrancar-lhe o coração dentre as suas roupas de noiva, para que ella me odiasse e não me agradecesse a morte.

“Eu reconheço hoje—era um raciocinio de louco—mas hia executar esse intento infernal como um allivio para ella—como uma punição terrivel para mim.

“Lembrae-vos da carta do velho que me educou?! Ainda tinha uma missao que cumprir junto ao tumulo de minha mãe—o chão que pisão agora os pés do miseravel que vos pede absolvição.

“Só me restavão tres actos para completar o meu destino;—matal-a,—abrir essa urna enterrada á dezenove annos n’uma sepultura,—e suicidar-me—padre.

“Mas Deos quiz ainda martyrisar-me, e enviou-me a loucura—como um lethargo em que se adormecia minha alma—em sonhos que reproduzião as agonias derradeiras de Cecilia.

“Despertei um dia n’um intervallo lucido nesta choupana onde uma mulher caridosa me tratava.—E della que eu tinha deixado ali tão bella mesmo no seu cadaver,—de tanta belleza só restava um pouco de pó—e um craneo descarnado de uma cabeça de mulher.

“Encontrei a urna diante de mim—como um signal que me lembrava o que devia fazer.

“Abri-a:—havião dois retratos e umá carta:—oh!—eu amaldiçoei a memoria de minha mãe.

“Padre—disse o velho soluçando, esse homem que eu assassinei era meu pai,—essa mulher que eu prostitui era minha irmã.

Ajoelhou-se: já estava calmo e sosegado. Suas faces aradas pelas lagrimas—seu corpo alquebrado pelo desespero—seus cabellos encanecidos—sua longa barba pendida sobre o peito, tudo o assemelhava ao tronco de uma arvore mutilada pelas tempestades—e que sobre a folhagem emmurhecida o inverno destende o seu lençol de neve—sudario da vegetação tallado pelo tempo.

“Ha perdão para meus crimes?—prosequio o velho:—ha perdão para quem amaldiçoou a memoria de sua mãe,—para o adúltero da es-

posa do seu pai,—para o fratrecida,—para o sacrilego,—para o incestuoso,—para o parricida,—para o atheo?

O sacerdote levantou a cabeça:—seu aspecto veneravel—sua sotaina de padre—sua voz grave—faziao desse homem nessa hora solenne a Imagem de Deos.

“Velho—respondeo elle, o remorso é o baptismo do crime,—o Christianismo fez do arrependimento irmão da innocencia,—lembrai-vos que S. Pedro o apostata, foi o Chefe da Igreja do Christo:—e pois em nome de Deos eu vos perdôo.

“—Oh!—minha mãe!... Padre—perdoai tambem ao suicida.

Um tiro de pistolla soou—e um écho repetio mais adiante o ultimo soluço de um moribundo.

Como tomba a Cruz da catacumba sobre o chão do cemiterio—assim rollou o cadaver de Samuel sobre a sepultura de sua mãe. O sacerdote ergueo os olhos aos céos—e disse soluçando—que fatalidade—meu Deos.

## VII.

O padre era o moribundo do duello.  
Era o irmão gemeo de Samuel.

S. Paulo. 1853.

*Leonel d’Alencar.*

## A FELICIDADE NO CÉO.

Era noite; a lua caminhava no céu mysteriosa e triste como as saudades de uma mulher a quem se ama em segredo e mil scintillantes estrellas enviavão a terra sua luz frouxa e encantadora; dir-se-hia que erão os olhos dos seraphins, luzindo na abobada celeste.

Era uma noite d’essas que convidão o homem a meditar; que inspirão ao poeta um canto, que arrancão á virgem um suspiro, ao infeliz uma lagrima sentida; era uma noite de luar mas de um luar embaciado e melancolico.

Harpas sonoras parecião resoar no espaço em branda melodia, tão branda como o olhar amortecido de uma donzella que sonha acordada nas delicias de seu primeiro amor; erão talvez os suspiros dos amantes infelizes que soando em harmonia, semelhavão os acordes de uma musica divina. E essa musica embriagava; e essa melodia encantava, mas entristecia; ouvindo-a, o poeta ancião curvára a fronte veneranda, pensando perceber

n'ella os derradeiros accentos do genio que na passagem do mundo para sua patria cantava um hymno de despedida e de saudades.

As aguas do lago serenas e perfumadas pelas flores das verdes margens, suavemente repetião as notas encantadoras que soavão nos ares, e as florestas de além, cidades gigantescas do selvagem, de leve movião os cumes sussurrando com brandura como se tambem soubessem sentir a placida dôr do coração.

Tudo era poesia, tudo amor, tudo saudade; ali o ente sensível deixára de ver a terra para enxergar o céu; contemplára o lago e crêra divisar almas bemaventuradas correndo em suas aguas de prata com um doce sorriso nos labios; fitára a lua e se lhe afigurára avistar um archanjo que velasse solícito e terno pela ventura dos infelizes que lá em baixo—na terra—soffrião; ouvira a musica maviosa da noite, o sussurro brando das arvores, o murmúrio cadenciado das aguas e parecêra—lhe adormecer embalado pelo concerto das creaturas de Deos.—E elle seria feliz, seria venturoso, porque teria um coração que amasse, porque n'essa lua adoraria sua virgem, a inspiradora de seus hymnos; n'essas estrellas os satellites de sua adorada; no lago, nas flores, nos hymnos, encantos que devião abrilhantar—lhe o solio, homenagens que a Ella prestávão como a rainha do amor.

O homem positivo, a alma de gelo, o coração de bronze não passára impassível por ahi; não vira isto tudo e déra um sorriso de desdem; não! alguma lembrança lhe esvoaçara pela mente e elle sentira, porque as cordas do sentimento não estalão de todo no peito humano, e nem a luz do Senhor deixa em perfectas trevas a alma de seus filhos. Quando aquellas se affrouxão muito, o homem cessa de viver para espojar-se como a féra no lodo da terra, para bramir tripudiando sobre as folhas podres da floresta, e ainda assim—tem elle o arrependimento, que é o segundo baptismo para o criminoso.

.....  
Era uma noite de luar e de um luar embaçado e triste

A beira do lago estava um vulto vestido de branco; era uma mulher que meditava sentada na relva macia da campina. De longe a tomarião por uma fada ou por uma d'essas virgens dos ultimos amores que vem adoçar com seus sorrisos os poucos instantes de vida concedidos ao Indio prisioneiro.

Era uma mulher e muito bella; tão bella como uma grinalda de noiva, como o sol a romper n'alva, como nosso primeiro sonho de amor, como as esperanças de uma alma de poeta no expirar da adolescencia; e ella meditava olhando para a lua, se é que um cora-

ção de virgem aos dezeseis annos pensa e não sente só, medita e não ama apenas.

O que sentia.... era segredo que só ella é Deos sabião! o que pensava,.... tambem era um segredo; e os segredos de virgem não se profanão divulgando-os ao mundo, confiando-os aos homens; quando muito um só os ouve, ou os percebe n'um olhar, n'um sorriso, ou n'uma lagrima furtiva.

Ella se acolhêra ao seio da solidão e esta a envolvia com seu manto protector, porque é a maior amiga de quem sente, de quem ama, e quer pensar livremente em seu amor, de quem soffre e deseja soluçar desimpedido para alliviar as amarguras; por que é emfim a sacerdotisa do templo do sentimento.....

Mas por pouco tempo esteve a sós a pensativa, um canto longinquo se fez ouvir quasi confundindo-se com a musica aeria e com o côro do lago, e alteando pouco ao approximar da florída margem.

Leve canôa cortava de manso as aguas, que gemião em seus flancos, como que queixosas por virem assim interromper a placidez em que jazião; n'ella alteava-se outro vulto, era o de um homem e esse homem cantava porem seu canto commovia como a endeixa dos tristes a que se mesclassem raras notas de alegria.

Ao ouvir os primeiros e abafados sons d'esse cantico, a virgem estremeceo; sorriso angelico passou—lhe pelos labios, seus olhos desprendendo-se da lua fitarão-se no extremo do lago, lá donde vinhão os sons mysteriosos e forão acompanhando a canôa até que ella chegasse á margem demandada.

O nocturno navegante deixou o fragil lenho e com passos ligeiros veio lançar-se aos pés da criatura angelica que ali o esperava.

Ella sorriu-se ainda, mas com um sorriso que magova, que fazia pensar n'um paraizo, onde houvesse a felicidade na tristeza, a ventura na melancolia.

E elle? com os olhos fitos nos della, apertando entre as suas aquellas mãos divinas, extatico, transportado ao mundo do amor e da poesia, parecia viver com a contemplação de seu rosto, alentar-se com o seu sorriso, respirar o seu bafo embalsamado, allumiar-se com a luz de seus olhos.

Porem, não bastava o olhar, não bastava o gesto nem o sorriso; elle carecia fallar—lhe porque a falla é a mensageira do coração assim como os anjos o são de Deos e fallar a quem se adora, não é só um bem, é uma necessidade tão grande, como o orvalho para as plantas, a luz para o homem, o ideal para o poeta; e elle fallava—lhe:

“ Ainda tenho mais esta noute de ventura, ainda te vejo por alguns momentos, ainda posso suspirar a teu lado e gozar de infindas

delicias protegido por esse astro que nos esclarece, acalentado pela musica da natureza que te saúda n'um côro harmonioso e triste.

E tu, oh! tu és sempre a mesma, sempre melancolica, e bella como o raio amortecido do crepusculo, como a face d'essa lua que caminha vagarosa no céu! Quando te olho suspiras; quando te fallo, gemes; quando aperto tuas mãos entre as minhas sinto que n'ellas cahe uma lagrima manada de teus olhos! Se te pergunto porque suspiras, porque gemes, porque choras, tu nada me respondes e apontas para o Céu; se te fallo do nosso amor, de minhas esperanças, da felicidade que nos aguarda, ainda olhas para a obobada azul e murmuras com um sorrir que doe—o Céu!”

E a virgem que o ouvia murmurava de novo o Céu! e seu sorrir era mais doce e mais repassado de tristura, como o sorrir da santa nas horas do passamento.

“ Amas-me, eu bem o sei, tornava o mancebo, deixaste o solio de anjo para vir perfumar o peito de um homem, allumiar-me o espirito e abrir-me as portas do paraizo... mas porque estás triste quando a teu lado vivo n'um extasis de amor? Tens talvez saudades do céu e é por isso que apontas para elle? Que outro céu desejas além d'este em que agora estamos? que outras alegrias que não a de dous peitos que batem juntos? Queres cantos? eu tos darei, apaixonados; cantos de fogo, hymnos de entusiasmo! queres servos que te obedeção? eis-me a teus pés!... queres amor? oh! como o meu não ha nem houve nunca, e os affectos todos dos anjos não igualarão os sentimentos de minha alma! serão como o lago para o oceano, como a noite para o dia, como a morte para—a vida. Dize-me, porque gemes?

E outra vez, a palavra—Céu—soou mysteriosa; era ella que outra vez fallava, triste como o écho mavioso da noite, como a musica que soava no espaço. E elle reclinou a cabeça, beijou com veneração essa relva em que pisava a virgem e duas lagrimas sentidas lhe corrêrao pelas faces.

Uma nuvem negra hia acobertando o astro nocturno; era o véo de luto, os vestidos de dó que hia trajar a senhora da noite.....

Então levantou-se a virgem: “ Não vês? não vês? disse com voz abafada, lá some-se ella, lá a cobre manto escuro e impenetravel.... Que é de sua luz, que é da formosura da terra que é da prata do lago, do brilho das flores?—Morreu tudo!... fica apenas o céu e é o céu que nos espera.... Vem, que lá está a felicidade verdadeira, lá está a luz que nunca se apaga, o sol que nunca morre, a eternidade que nunca é manchada pela dôr!”

E tomando o amante pela mão, corria para a beira do lago como se fôra para uma sala de

festim ou para um leito de assucenas; apoz, ouviu-se o resoar mais triste da harmonia da natureza, o sussurro das aguas, mais gemebundo, como se entoassem a musica do passamento, e o ruido longiquo da floresta.

E ao reapparecer da lua uma canoa vagava as tontas pelo lago; fluctuava ao longe como que o véo branco de uma donzella e no ceu brilhavão mais duas estrellas.....

.....  
Erão dous peregrinos que perdia a terra, dous anjos que partião para junto do Senhor.

*Costa Pereira.*

## POESIAS.

### LIBERDADE.

Liberdade—tu nasceste,  
Como o sol luz no horisonte;  
Vida nova tu nos deste,  
Tu és do céu uma fonte;  
Os homens todos te adorão,  
Suspião, gemem, descorão,  
Quando veem-te á padecer:  
Tu és astro, tu és nume,  
E's de Deos o eterno lume,  
E's vida, és alma do ser!

Ama-te o vento a soprar,  
As flores tambem te amão;  
A selva, as aves, o mar  
Tem vozes com que te chamão;  
Ama te o misero escravo,  
De mil batalhas o bravo,  
O emparedado tambem;  
Que te escarrem sobre as faces,  
Que encorrentada tu passes,  
Tu és eterna—que tem?!

Eu sei que os tempos de agora  
São tempos de ferreo mando,  
Que a tyrannia não cõra  
De ver o povo chorando;  
Sei que a Roma dos Sulpicios  
Já não tem os seos commicios,  
Não respira—vive morta;  
Sei que Veneza perdida  
Vejo curvada, entanguida  
No frio chão—mas que importa?!

Que importa se lá no céu  
A eterna voz nos ensina,  
—Se a mão de Deos escreveu  
Que a liberdade é divina,